



É dia de festa na Ribeira

Existem algumas versões, registradas em documentos, sobre a origem da Segunda-Feira Gorda da Ribeira. Festa que decaiu há décadas. Na verdade, nada tem a ver com qualquer tradição religiosa. Eminentemente profana. Mas decorrente da devoção ao Senhor do Bomfim. O historiador Carlos Alberto Carvalho (*Tradições e Milagres do Bomfim*, 1915) diz que, após o domingo, os romeiros vindos do Recôncavo, em se retirando, "todos descalços sempre, enfeitados com medidas multicores, pre-

sas na casa do *palitot*", faziam um passeio pelos arredores de Itapagipe, freqüentando os estabelecimentos comerciais onde se abasteciam de comidas e bebidas, voltando aos seus barcos. Aí estaria uma das origens, pois.

Aliás, o evento recebera, no passado, o nome de Segunda-Feira do Bomfim, segundo Hernando Requião (*Itapagipe, Minha Infância na Bahia*, 1949). Afirma ele que era uma "espécie de Carnaval, não faltando os corsos de automóveis enfeitados com seus alegres passageiros metidos em vistosas fanta-

sias. Sem máscaras, porém. O ponto de concentração - a Ribeira - regorgitava de veranistas, moradores da cidade que iam passar temporada de verão para desfrutar do clima saudável de Itapagipe..."

Continua o mesmo autor: "As ruas se enchiam de vendedores de flores artificiais, escudos, ventarolas, brinquedinhos japoneses de abrir e fechar, línguas-de-sogra, berra-boi etc. Em toda a extensão do cais da Ribeira alinhavam-se saveiros vindos do Recôncavo, cheios de frutas das mais diversas qualidades. Realizava-se ali a

maior feira de frutas jamais vista. (...) Blocos e mais blocos percorriam as ruas cantando *Ai, seu Mé, Quebra, quebra guabiraba* ou *laia me deixe eu subir nesta la-deira*".

Edison Palma Meireles (*Itapagipe que eu Vivi* - sem data) lembra que a Segunda-Feira dava satisfação aos nativos. Eles recebiam os forasteiros (veranistas e romeiros) vindos do Bomfim e acolhiam-nos em suas casas com feijoadas, bebidas, músicas e danças. As moças levavam flores de cores berrantes nos cabelos; os rapazes,

vestidos de branco, flores iguais nas lapelas e chapéus grandes de ouricuri, chamados Cabo Bento.

Carlos Alberto de Carvalho conta que, certa feita - não informa quando - a Companhia Progresso Industrial da Bahia, proprietária de quase todas as terras de Plataforma (bairro do subúrbio ferroviário em frente à Ribeira), onde possuía a sua fábrica, "resolveu rodar na segunda-feira". Resultado da imprudência dos patrões: os operários investiram à mão armada, as instalações acabaram fechadas. E tome festa!